

Livro ilustrado *Tio Flores*: territórios culturais e ambientais para a Arte-educação

Picturebook Tio Flores: cultural and environmental territories for Art Education

André Luiz Ferreira de Oliveira

Universidade Estadual de Montes Claros
(Unimontes) | Montes Claros | MG | BR
contato@andreoliveira.com
<https://orcid.org/0000-0002-7371-5707>

Diogo Torino Ferreira

Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
diogotorino@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-0390-2605>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o livro ilustrado *Tio Flores: uma história às margens do rio São Francisco*, de Eymard Toledo, como um objeto pedagógico no campo da Arte-educação, com ênfase nas temáticas da identidade cultural e da educação ambiental. Para alcançar esse propósito, o método adotado consistiu em uma pesquisa teórico-analítica, que investigou os conceitos de livro ilustrado e a relação entre palavra e imagem a partir das reflexões de Sophie Van der Linden (2011), além de considerar o contexto histórico e educativo das comunidades ribeirinhas do rio São Francisco. A análise também se fundamentou na pedagogia crítica de Paulo Freire (2013), nas contribuições de Nilma Lino Gomes (2012) sobre a questão étnico-racial e a descolonização dos currículos, e nas perspectivas de Dayana Vieira de Rezende Silva (2023) sobre conscientização ambiental. O livro *Tio Flores* apresenta um rico potencial pedagógico por abordar o protagonismo de uma família ribeirinha que resiste às pressões do progresso capitalista, oferecendo múltiplas possibilidades de práticas educativas voltadas à valorização da cultura local e à formação de uma consciência ambiental crítica. Como conclusão, o estudo destaca que, embora seja uma obra premiada e reconhecida artisticamente, *Tio Flores* ainda é pouco explorada em pesquisas acadêmicas. No entanto, demonstra-se como um material relevante para a educação contemporânea, especialmente por articular arte, identidade e sustentabilidade em uma perspectiva interdisciplinar e emancipadora.

Palavras-chave: livro ilustrado; identidade cultural; educação ambiental; rio São Francisco; comunidades ribeirinhas; arte-educação.



Abstract: This article aims to analyze the picture book *Tio Flores: uma história às margens do rio São Francisco* (Uncle Flores: A Story on the Banks of the São Francisco River), by Eymard Toledo, as a pedagogical object within the field of Art Education, with an emphasis on the themes of cultural identity and environmental education. To achieve this goal, the adopted method consisted of a theoretical-analytical study that investigated the concepts of picture book and the relationship between text and image based on the reflections of Sophie Van der Linden (2011), while also considering the historical and educational context of the riverside communities along the São Francisco River. The analysis was further grounded in Paulo Freire's (2013) critical pedagogy, in Nilma Lino Gomes's (2012) contributions regarding ethnic-racial issues and curriculum decolonization, and in Dayana Vieira de Rezende Silva's (2023) perspectives on environmental awareness. The book *Tio Flores* demonstrates significant pedagogical potential by portraying the protagonism of a riverside family that resists the pressures of capitalist progress, offering multiple possibilities for educational practices aimed at valuing local culture and fostering critical environmental awareness. As a conclusion, the study highlights that, although *Tio Flores* is an award-winning and artistically acclaimed work, it remains little explored in academic research. Nevertheless, it proves to be a relevant resource for contemporary education, especially for its articulation of art, identity, and sustainability from an interdisciplinary and emancipatory perspective.

Keywords: picture book; cultural identity; environmental education; São Francisco river; riverside communities; art education.

1 Introdução

O livro ilustrado, que tem como uma de suas características o diálogo entre as linguagens verbal e visual, exige do leitor uma “apreensão conjunta daquilo que está escrito e daquilo que é mostrado” (Linden, 2011, p. 8). Ou seja, ele demanda mais do que a simples interpretação dos textos verbais, pois requer também a leitura das imagens e da relação mútua entre imagem e palavra, exigindo atenção e conhecimento de seus respectivos códigos. Essa particularidade de

integrar palavra e imagem, estimulando múltiplas interpretações, torna-o um potente objeto pedagógico para a Arte-educação. Além disso, há outros fatores relevantes que fortalecem seu uso em sala de aula, como o incentivo à leitura, o enriquecimento do senso crítico, o estímulo à criatividade e às práticas artísticas, e a possibilidade de abordar variados temas educativos.

A partir desse contexto, este artigo tem como objeto de estudo o livro ilustrado *Tio Flores: uma história às margens do rio São Francisco*, de Eymard Toledo. O objetivo é demonstrar que a obra pode ser utilizada por professores como recurso pedagógico para promover a valorização da identidade cultural e da educação ambiental no espaço escolar, temas abordados em seu enredo. A narrativa da obra é inspirada em relatos reais colhidos na região do rio São Francisco, a partir dos quais a autora propõe uma reflexão sobre os descaminhos trilhados em nome do progresso, unindo passado e presente: “Infelizmente, o Velho Chico não é mais o mesmo. Ele [...] vem sofrendo há anos com a poluição das suas águas e de suas margens” (Toledo, 2016, p. 32).

Cabe ainda destacar o reconhecimento da obra no cenário editorial: ela foi contemplada com prêmios como o *Climate Book Tip* (2016), da Academia Alemã de Literatura Infantil e Juvenil; foi mencionada na lista de recomendações do Prêmio CEP de Ilustração para Livros Infantis e Juvenis (2016) e recomendada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (2017), na categoria Livros Infantis. Para além das premiações, *Tio Flores* se apresenta como uma obra de relevância literária, artística e pedagógica. Ao abordar a importância do Velho Chico, compreendemos o livro como um eixo para um aprendizado mais crítico e cidadão sobre as comunidades ribeirinhas, além de um meio de propor reflexões sobre pertencimento, território e sustentabilidade no contexto escolar.

A escolha do livro ilustrado analisado justifica-se pelo seu conteúdo, que retrata as transformações vividas por uma comunidade ribeirinha brasileira. Tais mudanças, relacionadas às crises ambientais e à perda de referências locais, são desafios contemporâneos que precisam ser abordados no ambiente escolar. Catharino (2017, p. 43) sinaliza essa demanda no que se refere à sustentabilidade: “Ações de Educação Ambiental pela sociedade vêm aumentando [...] A questão ambiental transformou-se em uma causa social cidadã e convoca todas as pessoas [...] a mudar o modo de vida e a repensar seus valores”.

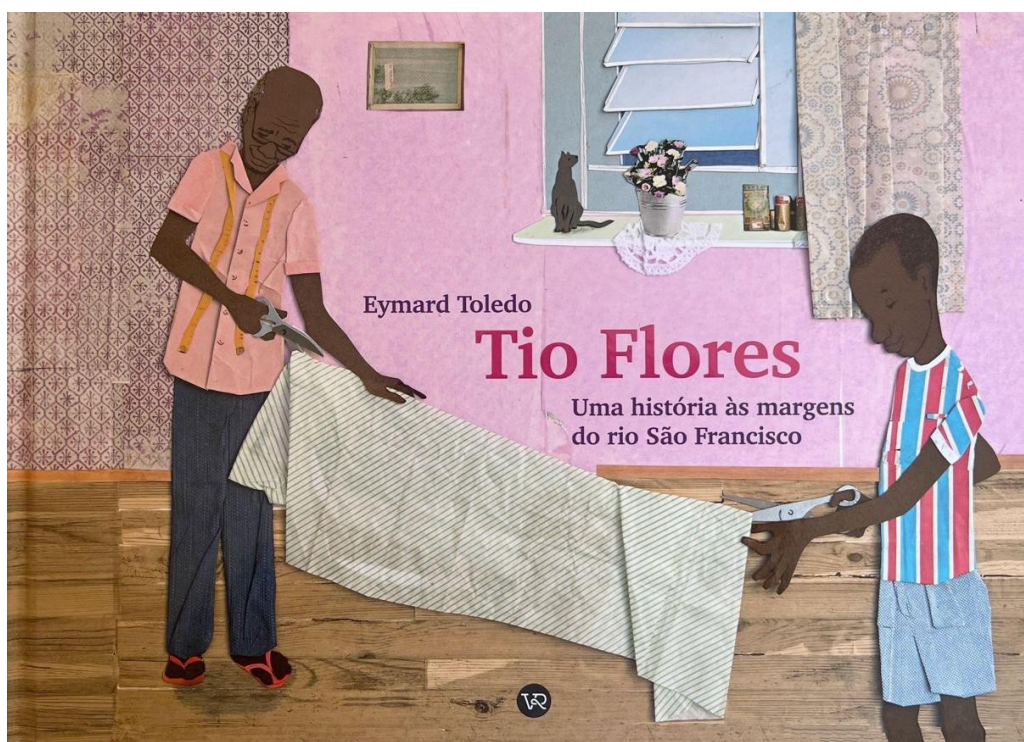
Em vista desses aspectos, *Tio Flores* apresenta características relevantes para serem exploradas em sala de aula, promovendo, além da consciência ambiental, contribuições significativas para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua identidade. Tal perspectiva é apresentada por Almeida (2011, p. 21), ao propor uma Teoria Educacional Crítica: “Trabalhando em uma perspectiva crítica, Paulo Freire tem observado que a tarefa primordial do educador é a construção da identidade cultural dos educandos”. Nesse sentido, ao enaltecer o contexto sociocultural e os saberes populares presentes na pequena cidade fictícia de Olho D’água (cenário da história), *Tio Flores* mostra-se como um personagem que pode ser explorado em sala de aula pelo professor, estimulando os alunos a refletirem sobre suas próprias histórias e realidades.

Complementarmente, ao longo deste artigo, serão abordadas as temáticas do rio São Francisco e das comunidades ribeirinhas. Afinal, além de constituírem o cenário do livro ilustrado, essas paisagens também podem indicar caminhos para a prática educacional. Dessa forma, este artigo propõe uma abordagem teórico-reflexiva da obra, relacionando análises visuais e textuais com os temas da identidade cultural e da educação ambiental. Além disso, trilha um percurso pedagógico simbólico, que passa pelo Velho Chico e pelas comunidades ribeirinhas visando identificar territórios férteis de saberes para a Arte-educação.

2 Tio Flores e livro ilustrado

Tio Flores: uma história às margens do rio São Francisco é um livro escrito e ilustrado por Eymard Toledo. Publicado em 2016, foi classificado pela VR Editora como obra de ficção, pertencente aos gêneros da literatura infantil e infantojuvenil. Sua capa dura, com aplicação de verniz localizado, apresenta uma ilustração com os personagens *Tio Flores* e seu sobrinho Edinho, ambos cortando um pano, como pode ser observado na Figura 1. Na cena, observa-se como a autora utiliza a materialidade das texturas para aproximar a linguagem visual da realidade vivida pelos protagonistas. Afinal, o que se vê em destaque são papéis que lembram retalhos de tecidos, em uma colagem que representa um costureiro, *Tio Flores*, e seu aprendiz, Edinho. Essa escolha estética, com uso inovador de diferentes suportes relacionados à materialidade, aponta para as múltiplas possibilidades de se trabalhar o livro ilustrado, ampliando a concepção tradicional do objeto. Tais elementos contribuem para o despertar dos sentidos do leitor, por meio de texturas, materiais variados, técnicas diversas, além do uso de cores e formas. Já na parte interna do livro, essa riqueza visual se articula com a narrativa verbal em suas 16 folhas (32 páginas), em papel *offset* 150 g/m², organizando-se em textos verbais à esquerda e ilustrações/colagens à direita.

Figura 1 – Capa de *Tio Flores* e a materialidade do livro ilustrado



Fonte: TOLEDO (2016).

Mas quais são as características que definem *Tio Flores* como um livro ilustrado? Para responder a essa pergunta, é fundamental compreender melhor esse conceito. Em sua dissertação de mestrado “Livro ilustrado: definições, leitores, autores”, Renata Gabriel Nakano afirma que “tanto no Brasil quanto no exterior, além das diferentes terminologias adotadas,

há diferentes definições para essa subcategoria da literatura infantil” (Nakano, 2012, p. 17). Trata-se de uma designação pouco conhecida do grande público e que ainda não possui uma nomenclatura consolidada. Um exemplo disso são os diferentes nomes que o livro ilustrado recebe ao redor do mundo, como: livro infantil contemporâneo, no Brasil; *picture book*, em inglês; *album* ou *livre d'images*, em francês; *álbum*, em espanhol; e *álbum ilustrado*, em Portugal.

Considerando que o livro ilustrado apresenta nomenclaturas e definições que ainda não são consensuais, Sophie Van der Linden, em *Para ler o livro ilustrado* (2011), busca delimitá-lo em relação a outras categorias de livros que contenham imagens. Para isso, primeiramente, a autora diferencia o livro ilustrado de: livros com ilustração; primeiras leituras; histórias em quadrinhos (HQ); livros *pop-up*; livros-brinquedo; livros interativos; e livros imaginativos. Somente após essa distinção, ela apresenta a definição de livros ilustrados contemporâneos como “obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, que, aliás, pode estar ausente [é então chamado, no Brasil, de livro-imagem]. A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagens” (Linden, 2011, p. 24).

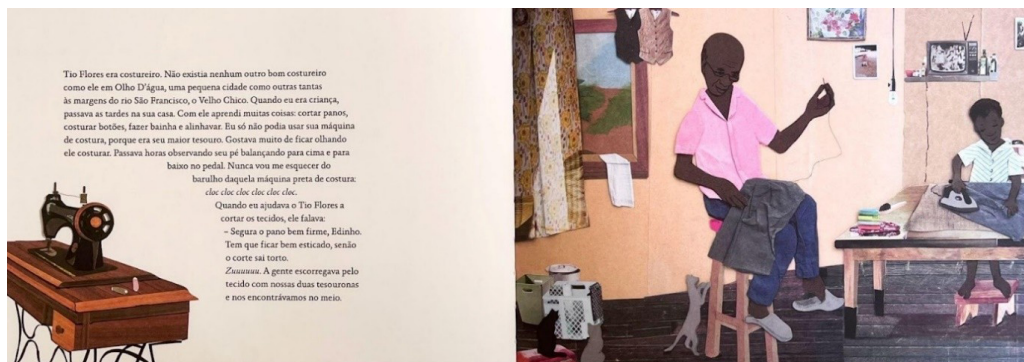
Tal definição corresponde ao que é apresentado em *Tio Flores*, que possui uma linguagem visual composta por reproduções de um trabalho original. Na obra de Eymard Toledo, são utilizadas técnicas mistas que combinam colagens de papéis e tecidos, desenhos e pinturas. A autora, mineira de Belo Horizonte, estudou Belas Artes na UFMG e Design de Produto na UDK, em Berlim, e utiliza a técnica da colagem como traço marcante de suas produções. Eymard explica em seu site que corta e rasga o papel em pedaços grandes e pequenos, criando um mosaico de papéis de todas as cores e formas no chão ao seu redor. Ela comenta que, às vezes, descobre uma figura quase pronta entre esses pedaços e que é como se o papel estivesse vivo. E é justamente essa vivacidade que se destaca em *Tio Flores*, por meio de colagens com texturas que remetem a panos de chita, cortinas estampadas, bordados, jornais, casinhas com cores vibrantes, entre outras representações típicas de um cenário brasileiro interiorano e ribeirinho. Assim, esses detalhes visuais conferem mais vida às ilustrações, contribuindo para a construção de narrativas ricas em referências culturais que fortalecem a identidade local.

Com relação à linguagem verbal, o livro apresenta uma narrativa que retrata a relação de amizade entre um tio costureiro (Tio Flores) e seu sobrinho (Edinho), que, em determinado momento, declara: “Quando crescer, quero ser costureiro como você, Tio Flores” (Toledo, 2016, p. 14). O enredo tem como pano de fundo as transformações culturais e ambientais provocadas pela instalação de uma fábrica, na pequena cidade fictícia de Olho D’água, às margens do rio São Francisco. O chamado “progresso” se manifesta desafiando profissões tradicionais, alterando costumes, poluindo o ar e reduzindo a quantidade de peixes. Nesse contexto, manter as tradições e preservar a natureza configura-se como um ato de resistência. O texto verbal do livro ilustrado encerra-se com uma nota da autora, que alerta para os riscos e preocupações relacionados ao Velho Chico.

Outro ponto analisado é a estrutura dos elementos narrativos e visuais do livro, em que se observa uma diagramação classificada por Sophie como dissociação. Trata-se de uma organização em que palavra e imagem ocupam espaços distintos, um conceito que remete a um modelo herdado dos livros ilustrados tradicionais, no qual o texto verbal é apresentado em uma página e a imagem correspondente, em outra. Essa alternância é observada em *Tio Flores*: as imagens ocupam a página da direita, chamada pelos tipógrafos de página nobre, enquanto, na esquerda, localizam-se as palavras, dispostas sobre um fundo branco, em alguns casos acompanhados de pequenas ilustrações, como na Figura 2. Dessa forma,

mesmo quando apresentadas separadamente, as imagens e as palavras dialogam e se complementam semanticamente. Observa-se que, embora as ilustrações remetam ao conteúdo abordado no texto verbal da página à esquerda, ambas, imagens e palavras, acrescentam detalhes e informações que, isoladamente, não teriam o mesmo impacto nem proporcionariam ao leitor a mesma riqueza de experiência.

Figura 2 – Os conceitos de interdependência e dissociação nas páginas



Fonte: TOLEDO (2016, p. 4-5).

As relações entre palavra e imagem, bem como entre o livro ilustrado e a Arte-educação, são importantes costuras deste artigo e também caracterizam a atuação da própria autora da obra. Eymard, que vive atualmente na cidade alemã de Mainz, realiza workshops de leitura e oficinas com práticas artísticas em eventos literários, feiras de livros e escolas europeias, voltados para crianças do ensino fundamental. Nessas atividades, ela não apenas compartilha suas histórias publicadas em livros ilustrados, mas também propõe experiências práticas com a técnica da colagem, a mesma empregada na produção de *Tio Flores*. Assim, ao integrar palavra, imagem e prática artística, Eymard apresenta um exemplo concreto do potencial pedagógico do livro ilustrado para a interpretação, sensibilidade e criatividade dos alunos. Tudo isso por meio de suas publicações autorais, que abordam temas diversos, como a vida na floresta, na cidade grande ou às margens de um rio imenso e cheio de histórias: o Velho Chico.

3 Rio São Francisco e comunidades ribeirinhas

O livro ilustrado *Tio Flores* traz como subtítulo a frase: *uma história às margens do rio São Francisco*. Trata-se de um rio que atravessa cinco estados brasileiros: Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, onde se localiza sua nascente, na Serra da Canastra. São 2.830 km até desaguar no Oceano Atlântico, percorrendo povoados, abastecendo populações, movimentando atividades produtivas, irrigando terras e cumprindo diversas outras funções essenciais. Isso porque o Velho Chico, como é conhecido, exerce um papel que vai além do desenvolvimento econômico e social das regiões por onde passa. É, portanto, um verdadeiro símbolo da identidade nacional brasileira, dada sua importância histórica e cultural.

No entanto, toda essa grandiosidade vem sofrendo há tempos com os processos de industrialização, exploração de recursos naturais e descaso ambiental. Elson de Assis Rabelo (2014), ao analisar as transformações no Vale do São Francisco durante os períodos do Estado

Novo e da ditadura civil-militar, mostra como o rio e seu entorno foram sendo modificados em meio a um discurso em prol do progresso, negligenciando questões sociais, culturais e ambientais. Um rio historicamente tratado como o rio da integração nacional, que viveu construções de barragens, deslocamento de populações ribeirinhas e o lento naufrágio da navegação. O autor ainda alerta para visões depreciativas, que apagam a diversidade e a resistência das comunidades ribeirinhas representando essas populações como figuras estacionadas em um tempo passado, distantes da modernidade. “Eles vivem à margem – é outra metáfora posicional, usada para explorar os sentidos da marginalidade social, temporal e espacial dos barranqueiros”, exemplifica Rabelo (2014, p. 228) ao comentar um trecho da revista *Realidade*, que falava de grupos ribeirinhos, barranqueiros e sertanejos do rio São Francisco, na edição de março de 1972.

Em *Tio Flores*, a transformação do Velho Chico e das comunidades de seu entorno é evidenciada em um comentário da mãe do personagem Edinho. Ela narra a deterioração da pequena cidade de Olho D’água após a chegada de uma fábrica. A água turva do rio, as casas cobertas de poeira e a escassez de peixes são sinais visíveis da degradação ambiental e do impacto na vida cotidiana:

Essa fábrica transformou nosso vilarejo. As casas em Olho D’água estão cobertas por uma poeira cinza. Faz tempo que na rede de seu pai só aparecem alguns peixinhos pequenos e as lavadeiras não lavam mais roupas nas águas do rio. Olha como as águas do Velho Chico estão turvas. (Toledo, 2016, p. 20)

Para reforçar ainda mais esse ponto, ao final do livro ilustrado *Tio Flores*, a escritora e ilustradora Eymard Toledo apresenta de forma direta sua crítica:

Olho D’água [...] poderia ser uma das muitas cidadezinhas mineiras cobertas pela poeira cinza vinda das fábricas e das mineradoras ali instaladas. [...] Elas geraram empregos para os moradores, mas causaram, e ainda causam, muitos danos ao nosso meio ambiente, danos talvez irreversíveis. (Toledo, 2016, p. 31)

As palavras de Toledo refletem o descompasso entre os discursos desenvolvimentistas e as realidades locais. Enquanto o chamado “progresso” avança sob a lógica da produtividade, o modo de vida das populações ribeirinhas enfraquece progressivamente. Ainda assim, permanecem nelas atos de resistência, como expressa o pai de Edinho em *Tio Flores*, ao reafirmar sua identidade: “Eu sou pescador e vou continuar sendo pescador até o Velho Chico não me dar nem mais um peixe” (Toledo, 2016, p. 12), posicionando-se de modo a reforçar a ideia do rio não apenas como paisagem, mas como um personagem significativo, que faz parte da vida dos ribeirinhos. Roberto Lima (2000, p. 147), ao pensar o São Francisco sob a perspectiva de uma “antropologia aventureira”, propõe que ele seja entendido como parte de uma experiência: “é que o grande rio não está ali para que eles o peguem. Ao contrário, é o rio que os pega”. Ou seja, o Velho Chico exerce uma força de atração sobre as pessoas, tecendo uma relação carregada de sentidos e identidades.

A conexão entre o rio São Francisco e as comunidades ribeirinhas manifesta-se das mais variadas formas. Essa dupla educa, canta, dança, borda, festeja e, acima de tudo, inspira. Prova disso são os vários projetos educativos e culturais que a envolve. Entre essas iniciativas, está o Ponto de Cultura – Centro de Artesanato de Januária, em Minas Gerais, instituição cul-

tural gerida por uma associação de trabalhadores da cultura da região, tendo como finalidade fomentar, articular e apoiar atividades de pesquisa, promoção e divulgação das manifestações culturais, artísticas e de saberes e fazeres tradicionais. Além disso, o Ponto de Cultura atua como polo de comercialização e difusão do artesanato local.

No que tange ao comércio de produtos locais, é pertinente destacar neste artigo que o livro *Tio Flores* aborda o tema sob uma perspectiva otimista ao tratar da reinvenção de ofícios. A obra valoriza a preservação das tradições, pensando também no presente e futuro de uma comunidade com suas culturas locais. Em uma conversa entre gerações no livro, o jovem Edinho dá a seguinte ideia: “Com esse monte de retalhos guardados esses anos todos, a gente poderia fazer cortinas para as casas aqui de Olho D’água” (Toledo, 2016, p. 22). Seu experiente tio responde afirmando que não se trata de uma má ideia. A partir disso, a vida começa a se transformar na cidade. Tio Flores costura, então, uma cortina de estampa florida, vendida ao pipoqueiro da praça. Ali, no ponto central da cidade, a peça começa a chamar a atenção de moradores que passam pelo local. Logo eles passam a encomendar de Tio Flores novas cortinas coloridas, roupas de casamentos, batizados e aniversários, entre outras. Os negócios voltam a prosperar para o costureiro e a cidade recupera suas cores, alegrando as pessoas e a vida da região. Com o tempo, Tio Flores se aposenta, passando apenas a receber os clientes em casa com cafezinho e bolo. Quem assume a máquina de costura é Edinho, um orgulho para seu tio. Juntos, eles se completam, em uma relação familiar que vai além do simples ensinamento da arte de costurar entre gerações. O que podemos ver também é o uso da criatividade na solução de problemas, neste caso, na reinvenção de uma profissão que estava desaparecendo. Sobre isso, Eymard afirma em seu livro que: “A solução que eles encontraram não traz de volta as árvores, o ar puro, as águas claras e os peixes do Velho Chico, mas traz a alegria e a leveza que os moradores daquela cidade – acinzentada pelo progresso – haviam perdido” (Toledo, 2016, p. 31).

No âmbito dos arredores do Velho Chico, outro projeto relevante nesse contexto é o Clube Literário Tamboril. Trata-se de uma biblioteca comunitária que articula pessoas e parcerias voltadas para atividades culturais e formativas, visando ao desenvolvimento humano, educacional, cultural e local, em Pirapora, MG. Entre as suas atividades, estão os encontros de leitores, o espaço de memória, entre outras. Tais iniciativas demonstram como a Arte-educação pode ser um ato de resistência e reconexão com o território.

Ao integrar experiências e saberes populares com práticas criativas, essas ações potencializam o olhar dos alunos sobre sua própria realidade, valorizando suas identidades. Assim, como nas páginas de *Tio Flores*, o rio São Francisco continua alimentando bocas e mentes, mesmo com suas feridas sociais e ambientais.

4 Educação ambiental e identidade cultural

Ao ler o livro ilustrado *Tio Flores*, a preocupação do enredo e da autora com as questões ambientais fica evidente. A utilização da obra por Eymard Toledo em atividades com alunos de escolas revela um interessante caminho para compreendê-la como objeto pedagógico quando o assunto é Educação Ambiental. A importância desse tipo de aprendizado é reforçada pela Lei n.º 9.795/1999, estabelecida pela Política Nacional de Educação Ambiental. Nela, como consta no Art. 2º, a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades

do processo educativo, em caráter formal e não formal. É nesse contexto que o livro se apresenta como um material rico de possibilidades para educadores e educandos.

Destaca-se ainda que Eymard Toledo, tanto na obra analisada quanto em suas oficinas de colagem, utiliza materiais recicláveis, promovendo uma prática artística mais consciente e sustentável. Eymard¹ explica que costuma reutilizar materiais que seriam descartados, como papéis de presente antigos, caixas de papelão, embalagens de pão, Tetra Pak e até papel higiênico, que segundo ela, pode ser transformado em belas nuvens. Com isso, sua produção artística torna-se também uma forma de educar para o reaproveitamento e o cuidado com o meio ambiente, traduzindo, na prática, os princípios da Educação Ambiental previstos na legislação brasileira.

As questões ambientais, que necessitam ser discutidas pela sociedade, passam de maneira sutil, porém muito potente, por todo o livro analisado. O rio São Francisco, no que diz respeito ao Meio Ambiente, não ganha destaque apenas no subtítulo da obra, mas também em relatos de personagens já citados neste artigo e na nota da autora. Toledo (2016, p. 31) mostra-se preocupada com a degradação ambiental e se solidariza com a temática: “Eu me junto a esses ambientalistas que advertem para os riscos e temem pelo futuro do rio São Francisco. Não queremos que aconteça a ele o que aconteceu a outro importante rio mineiro”. Nesse trecho, Eymard faz referência ao rompimento da barragem da mineradora Vale que contaminou o rio Doce e seus afluentes, uma tragédia ambiental que se iniciou no estado de Minas Gerais e alcançou o Oceano Atlântico, no Espírito Santo. Contudo, *Tio Flores* faz uma espécie de denúncia poética sobre uma destruição que vai além da natureza, atingindo também a cultura local. Esse impacto é evidenciado pelas roupas cinzas usadas por trabalhadores, na falta de oportunidade para profissões tradicionais – como a de pescador e costureiro – no grande êxodo de pessoas que foram morar em Olho D’água em busca de emprego na fábrica, entre outros exemplos.

Em pesquisa publicada na *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, Almeida e Ribeiro investigaram as contribuições de ações de educação ambiental e a percepção socioambiental em uma comunidade escolar ribeirinha vinculada ao Instituto Federal de Alagoas, no município de Penedo. Entre os resultados, constatou-se que “100% da comunidade escolar entrevistada aponta e percebe a educação como uma das principais ferramentas para a adoção de práticas sustentáveis para o manejo dos recursos do rio, uma vez que não vislumbra a possibilidade da não exploração destes recursos, pois deles dependem a economia e subsistência local” (Ribeiro; Almeida, 2019, p. 25). No entanto, os dados dessa pesquisa, intitulada “Educação ambiental para a conservação do rio São Francisco”, revelam certo descompasso entre a percepção da importância do tema e a prática cotidiana. Tal perspectiva evidencia a urgência de fortalecer ações de educação ambiental que promovam maior engajamento e conscientização coletiva, levando a ações práticas. Nesse cenário, como aponta Dayana Rezende em seu artigo “O estudo da arte contemporânea no ensino básico como motivador para a consciência ambiental” (2023):

A arte surge da necessidade de observar o meio que nos cerca, reconhecendo suas formas, suas luzes e suas cores, sua harmonia e seu desequilíbrio. Ela pode propagar e questionar estilos de vida, preparar uma nova consciência por meio da sensibilização, alertando e gerando reflexões. (Rezende, 2023, p. 14)

¹ Tradução nossa, baseada em Über (c2017).

Dessa forma, podemos compreender o livro ilustrado *Tio Flores* como um material capaz de gerar debates e práticas pedagógicas que reforçam os princípios da Educação Ambiental. A relação dos personagens Edinho e seu tio costureiro Flores, como já foi citado, traz mais do que o aprendizado de uma profissão. Ali, vemos um encontro entre gerações: o passado, o presente e o futuro. Uma passagem de conhecimentos que envolve os saberes populares com suas experiências e memórias. Dentro desse contexto, Edinho relata no livro: “Quando eu era criança, passava as tardes na sua casa. Com ele aprendi muitas coisas: cortar panos, costurar botões, fazer bainha e alinhar” (Toledo, 2016, p. 4). Todo esse aprendizado (não apenas manual), passado entre tio e sobrinho, é parte de uma identidade cultural que, muitas vezes, é ameaçada pelo modelo capitalista. Esse aspecto pode ser notado na fala de Tio Flores: “Já faz um bom tempo que eu só costuro uniformes cinza para os trabalhadores da fábrica” (Toledo, 2016, p. 14), que evidencia características capitalistas que moldam e limitam o fazer artesanal, transformando-o em uma produção repetitiva, voltada para as demandas do mercado.

Em vista disso, a valorização da identidade cultural no ambiente escolar é defendida por autores como Paulo Freire, em *Pedagogia da Esperança*, na qual busca despertar a consciência crítica dos indivíduos para perceberem as estruturas de opressão e agirem para transformá-las. Freire ainda complementa, argumentando que a educação não deve se limitar à transmissão de conteúdos, mas precisa ser um ato de conhecimento crítico da realidade. Assim, o autor expressa:

a importância fundamental da educação enquanto ato de conhecimento, não só de conteúdos, mas da razão de ser dos fatos econômicos, sociais, políticos, ideológicos, históricos, que explicam o maior ou menor grau de “interdição do corpo” consciente, a que estejamos submetidos. (Freire, 2013, p. 87)

É possível enxergar a possibilidade de trabalhar a obra *Tio Flores* com alunos de comunidades ribeirinhas e de outras realidades para reflexões sobre onde vivem e como querem, realmente, viver. Ou seja, para promover a compreensão de sua identidade cultural e alcançar seu senso de pertencimento, permitindo que os alunos potencializem sua conscientização e percebam a possibilidade de atos de resistência, afirmação ou transformação sociocultural.

Vale ainda mencionar que o papel da escola na valorização das identidades étnicas e culturais é reconhecido por lei. A Lei n.º 10.639/2003 e a Lei n.º 11.645/2008 tornaram obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, visando contribuir para uma formação plural. Já a Lei n.º 12.288/2010 instituiu o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos, bem como o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnico-racial.

Diante disso, é possível entender que a abordagem da obra vai além de contemplar uma narrativa que valoriza a cultura e o saber popular. O livro ilustrado analisado traz a história de uma família negra como protagonista, dando visibilidade a questões étnicas importantes de serem trabalhadas nas escolas brasileiras. Tal destaque à cultura afro-brasileira se evidencia a cada página; afinal, em *Tio Flores*, os personagens principais e secundários são majoritariamente negros, sendo, inclusive, válido ressaltar o espírito de resistência da população representada, lutando contra os males do progresso e a favor do seu território ambiental e cultural.

Nesse contexto, o reconhecimento e a valorização das identidades étnicas-raciais no ambiente escolar não devem se restringir ao cumprimento das legislações, muitas vezes negligenciadas. É importante que tudo isso seja incorporado a uma educação comprometida com a diversidade, a justiça social e a equidade. Estudantes afro-brasileiros, indígenas, ribeirinhos, entre outros grupos sociais que enfrentam desigualdades e discriminação, demandam conteúdos educacionais de qualidade que tragam representações positivas de suas histórias e culturas. Com isso, a autoestima e o pertencimento dos alunos podem se fortalecer, abrindo caminho para novas percepções de vida e projetos para um futuro melhor e mais consciente. Trabalhar obras como *Tio Flores* é, portanto, uma contribuição para a desconstrução de estereótipos, um caminho necessário para a superação do racismo estrutural e para a valorização de saberes historicamente marginalizados.

Aprofundando um pouco mais no que diz respeito às questões étnico-raciais nas escolas, a despeito da existência da Lei 11.645/2008, nas artes e na educação, pesquisadores apontam para a falta de materiais que tratem sobre o tema:

As escolas, livros e toda sorte de cultura disseminada através das escolas brasileiras ocultaram a origem desse saber milenar, deixando o saber africano no anonimato. As escolas e os livros não mostram isso, apenas dizem que da África vinham escravos, como se houvesse um lugar onde nascessem escravos para que os escravocratas os trouxessem ao Brasil. (Mattar; Suzuki; Pinheiro, 2020, p. 2)

É importante mencionar que *Tio Flores* não é um livro ilustrado que aborda diretamente a cultura africana, mas sim a realidade de uma população negra ribeirinha do interior do Brasil, temática que acaba sendo cruzada pela história de diáspora africana que tais populações enfrentaram para sobreviver e se constituírem em solo brasileiro. Quando tratamos das questões de identidade cultural, fica evidente a importância de se trabalhar materiais educacionais plurais, capazes de romper com o silenciamento histórico e de confrontar conteúdos marcados por valores de viés colonizador europeu.

Nesse movimento de descolonização da educação brasileira, Gomes (2012) propõe uma transformação profunda nos currículos escolares, abrindo espaço para que as verdadeiras histórias, saberes e culturas dos povos historicamente marginalizados ganhem visibilidade, promovendo justiça educacional e enfrentando o racismo estrutural nas escolas. Contudo, esse ensino só será efetivo se aprendizados como, por exemplo, das culturas afro-brasileiras, não sejam tratados apenas como novos conteúdos. Segundo a autora do artigo “Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”: “Trata-se, na realidade, de uma mudança estrutural, conceitual, epistemológica e política” (Gomes, 2012, p. 106). Ou seja, um processo que confronta paradigmas históricos, exigindo que os currículos escolares se tornem um território onde culturas brasileiras silenciadas possam ter mais legitimidade e protagonismo.

Tio Flores, como já citado neste artigo, pode colaborar para a valorização da identidade de estudantes negros ribeirinhos, estimulando o respeito à diversidade e contribuindo para uma educação antirracista. No entanto, a utilização da obra no contexto educacional, apesar de apresentar grande potencial, não se faz muito presente em produções acadêmicas. Em levantamento realizado em repositórios acadêmicos digitais, *Tio Flores* só apareceu em dois resultados. O primeiro, na monografia: “Como plantamos baobá vô? Afeto e cultura nas encruzilhadas da ancestralidade e descolonização”, de Mariele Cristina Conceição, do curso de Humanidades da UNILAB, de São Francisco do Conde, BA. Nela, a autora relata

que: “Com a oportunidade de voltar ao contexto escolar, de uma escola na comunidade quilombola Monte Recôncavo, fizemos mudas de baobá, contação da história Tio Flores” (Conceição, 2019, p. 86). A segunda citação encontra-se no artigo “A necessidade de abordagem da cultura afro-brasileira a fim de combater o preconceito religioso”, de Gleicy Blank, publicado na *Revista Contemporânea*. Nele, a autora destaca *Tio Flores* como uma publicação que “desempenha um papel importante no combate do preconceito religioso na educação infantil ao abordar a valorização da cultura afro-brasileira e a diversidade religiosa na sociedade” (Blank, 2023, p. 7695).

Esses poucos registros encontrados evidenciam não apenas possibilidades pedagógicas para abordar temas importantes, mas também a necessidade de uma maior exposição de *Tio Flores* entre professores e alunos, especialmente para práticas voltadas à identidade cultural e à educação ambiental. Portanto, ampliar seu uso no contexto escolar é um passo importante para fortalecer práticas educativas mais sensíveis, plurais e transformadoras, integrando saberes identitários e consciência socioambiental à formação dos estudantes.

5 Considerações finais

Tio Flores, de Eymard Toledo, revela-se uma obra rica em possibilidades pedagógicas, especialmente no campo da Arte-educação, ao tratar de temas muitas vezes silenciados nos currículos escolares. Por ser um livro ilustrado, apresenta em sua essência o elo entre narrativas verbais e visuais que se completam, estimulando o senso estético e crítico dos alunos. Além disso, a técnica de colagem utilizada pela autora, com materiais reutilizados cheios de cores, formas e texturas, pode servir de inspiração para docentes desenvolverem práticas artísticas, dentro e fora da sala de aula.

Ao tratar, em seu enredo, de assuntos como identidade cultural e educação ambiental, *Tio Flores* valoriza pautas urgentes e necessárias no contexto escolar brasileiro, de modo sensível e poético, promovendo reflexões sobre pertencimento, memória, cultura e sustentabilidade. Ademais, o livro dialoga com legislações voltadas às questões étnicas e ambientais, oferecendo um material plural para se abordá-las em face de conteúdos curriculares tradicionalmente eurocentrados. Outro destaque da obra é o protagonismo dado a personagens negros, exaltando suas lutas por territórios e costurando passado e presente em busca de um futuro melhor. Compreende-se que *Tio Flores* constitui um material pedagógico com potencial crítico e representativo da realidade ribeirinha, de suas culturas e do contexto ambiental em que essas comunidades vivem. Quando trabalhado no campo da Arte-educação, o livro pode auxiliar os estudantes a refletirem sobre suas próprias realidades, compreenderem-nas com mais profundidade e, assim, almejarem e promoverem transformações sempre que necessário e possível.

Referências

- ALMEIDA, L. M. de. A identidade cultural na teoria educacional contemporânea. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, v. 4, n. 7, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/2252>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- BLANK, G. A necessidade de abordagem da cultura afro-brasileira na literatura infantil nas escolas brasileira a fim de combater o preconceito religioso. *Revista Contemporânea*, v. 3, n. 07, p. 7683–7704, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1139>. Acesso em: 19 maio 2025.
- BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 28 abr. 1999.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, 11 mar. 2008.
- BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. *Diário Oficial da União*, Brasília 21 jul. 2010.
- CONCEIÇÃO, M. C.. *Como plantamos baobá vô?* Afeto e cultura nas encruzilhadas da ancestralidade e descolonização. 2019. 203 f. Monografia Bacharelado em Humanidades, Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1450/1/2019_mono_marieleconceicao.pdf. Acesso em: 18 mai. 2025.
- CATHARINO, R. C. A. e S. *Imagética dos livros didáticos nas relações de gênero e educação ambiental*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2017.
- EMBAIXATRIZ, M. H.; DICÁ, W. Descolonizar é preciso. In: MATTAR, S.; SUZUKI, C.; PINHEIRO, M. *A lei 11.645/08 nas artes e na educação: perspectivas indígenas e afro-brasileiras*. São Paulo: ECA-USP, 2020. DOI: 10.11606/9786588640036.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- COMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: https://www.apees.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf. Acesso em: 2 jul. 2025.
- LIMA, R. Um rio são muitos: de aventura e antropologia no Rio São Francisco. *Tempo Social*, São Paulo, v. 12, n. 2; p. 147-170, nov. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/ckjP6bvDjJ695jVCX7wJQ-8f/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- LINDEN, S. V. der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NAKANO, R. G. *Livro ilustrado: definições, leitores, autores*. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012, Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30205/30205_1.PDF. Acesso em: 12 maio 2025.

RABELO, E. de A. *A visão em deslocamento: uma história de palavras, figuras e paisagens do rio São Francisco (1930/1970)*. 2014. 284 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11885/1/TESE%20Elson%20de%20Assis%20Rabelo.compressed.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RIBEIRO, A. L. de A.; ALMEIDA, R. N. de E. Ambiental para a conservação do rio São Francisco: da percepção a ação. *Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)*, v. 14, n. 2, p. 9–29, 2019. DOI: <https://doi.org/10.34024/revbea.2019.v14.2654>.

SILVA, D. V. de R. *O estudo da arte contemporânea no ensino básico como motivador para a consciência ambiental*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2023. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pipaus/Dissertacoes%202023/Dissertacao%20Dayana.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

TOLEDO, Eymard. *Onkel Flores: Eine ziemlich wahre Geschichte aus Brasilien*, [2017]. 1 imagem, Disponível em: <https://www.ey-toledo.de/ueber-mich/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

TOLEDO, Eymard. *Tio Flores: uma história às margens do Rio São Francisco*. São Paulo: VR Editora, 2016.

ÜBER mich. In: EYMARD Toledo. Mainz: Eymard Toledo, c2017. Disponível em: <https://www.ey-toledo.de/ueber-mich/>. Acesso em: 16 nov. 2025.